

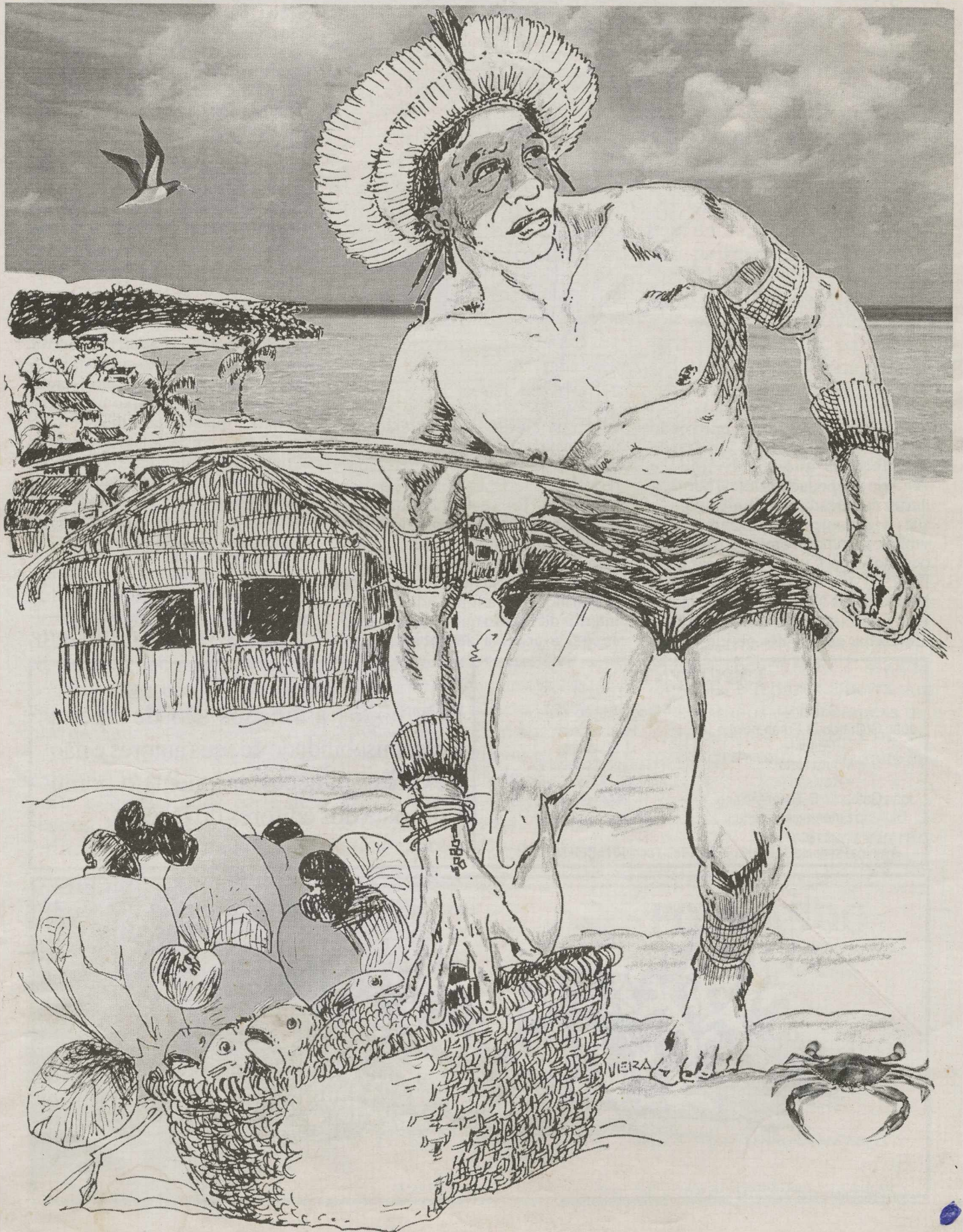
# O Potiguar

Ano VII

Nº 40

Agosto/Setembro 2004

Distribuição Gratuita





## A tragédia do Nyenburg

**A** disciplina inquisitória dos impérios coloniais do século XVIII não poderia evitar motinações como a ocorrida no navio Holandês de nome Nyenburg.

No ano de 1773, o Nyenburg, comandado pelo capitão Jacob Ketel, com destino à Batavia (área de possessão Holandesa nas Índias) recheava-se com preciosa guarnição ultramarina: onze barras de ouro e dez mil ducados, pertencentes à Companhia das Índias Orientais. Tudo somado à presença de tripulação raivosa e insatisfeita com maus tratos.

A configuração explosiva do Nyenburg teve seu repouso interrompido quando a maltratada tripulação resolveu que a Nave padecia da necessidade de novo comando. Dominado o Nyenburg pelos amotinados, as primeiras providências foram: punir os oficiais legalistas; dividir o tesouro; redistribuir novo comando. Agora, o Navio era capitaneado pelo soldado Wolmar na patente de General.

A Nave rumou para o cabo de São Roque (litoral norte potiguar) onde parte de setenta amotinados chegou a terra firme, despedindo-se do



navio pirata que rumava para possessões francesas. Em setembro, a nave chega ao porto de Cayenna no cabo de Orange. É o fim da rebelião: as forças legalistas francesas desarranjam a empreitada dos corsários.

No litoral norte potiguar, o rio Punaú foi palco da primeira vadeagem dos Piratas que, após longa caminhada, avistaram a Vila de Natal, onde se estabeleceram e passaram a gastar suas fortunas desmedidamente. A grande circulação de moedas

galopou fama e chegou ao centro da administração Holandesa em Recife. A aventura dos piratas acaba quando um dos líderes, Franz Crammer, é escoltado e traído pelo Capitão-Mor da Vila de Natal. O coronel Crammer destinava-se a Recife para casamento com moça nativa. Sem saber, estava sendo esperado pelo governador da província de Pernambuco o Conde de Vila-Flôr.

Os chefes foram postos a ferro. Wolmar, o general pirata, enforcou-se. Os demais foram julgados e levados de volta à Holanda, onde foram punidos. Entre os condenados à força, estavam Franz Crammer e Croos. O dinheiro fora confiscado, recuperando-se vinte e sete mil florins.

A tragédia do Nyenburg foi gênese de muitas lendas que reproduziram-se nos anos posteriores, pois nem todo o dinheiro fora recuperado e muitas moçoilas e rapazes enterraram seus ducados na esperanças do esquecimento holandês ou da mudança de rumo no azimute da história.

*Franklin Serrão*



### FORMANDO GERAÇÕES



COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS NEVES

## As pegadas dos profetas e os rochedos do Potengi

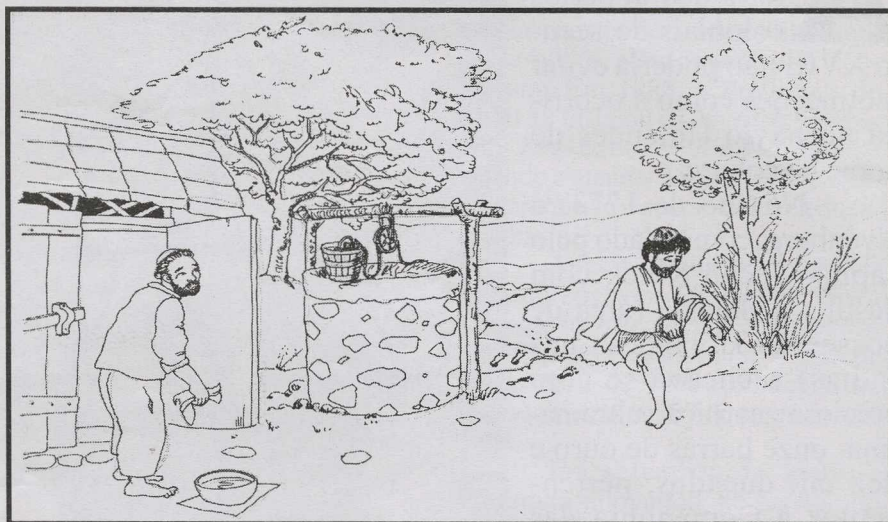
A mitologia dos indígenas da grande nação tupi, faz referência às pessoas de certos profetas da raça branca, barbados e vestidos, chegados ao continente sul-americano com a missão de tentar converter os silvícolas ao culto do verdadeiro Deus. O mais famoso desses profetas chamava-se *Sumé*, e ele teria ensinado aos indígenas a prática da agricultura. Infelizmente a mensagem teológica pregada pelos profetas não prosperou em meio ao primitivismo dos nativos, o que provocou a partida dos profetas de volta ao céu...

Quando o francês Jean de Léry esteve no Rio de Janeiro, vivendo no meio dos tupinambás, em 1555, ouviu de um ancião da tribo a narrativa da antiga lenda dos Profetas<sup>1</sup>. Os padres jesuítas identificaram *Sumé* como tendo sido o mesmíssimo após-tolo São Tomé, que teria vindo à América do Rio Grande, é aquele mesmo Pottiu de Japi-Açu.

Em vários pontos da América do Sul aparecem pegadas impressas em rochas, apontadas pela tradição indígena como tendo sido o decalque dos próprios pés dos profetas. Também a Capitania do Rio Grande foi contemplada com tais pegadas, deixadas pelas lendárias personagens.

O missionário francês Claude d'Abbeville narra que o maioral da Ilha do Maranhão, o tupinambá Japi-Açu, por ocasião de um longo discurso dirigido aos seus hóspedes franceses, mencionara aqueles profetas barbados, que teriam chegado à terra para instruírem os indígenas na lei de Deus: "(...) os profetas, vendo que os de nossa nação não queriam acreditar neles, subiram para o céu, deixando as marcas dos seus pés cravadas com cruzes no rochedo próximo de Pottiu<sup>2</sup>".

Anteriormente à sua partida para o Maranhão, aqueles tupinambás mencionados por D'Abbeville (1612), já haviam perlustrado o Rio Grande e Pernambuco, tendo emigrado para



aquela outra região, em virtude da intensa perseguição que lhes fora movida pelos *peró*, isto é, os portugueses. O rio Potengi, que banha a Capitania do Rio Grande, é aquele mesmo Pottiu de Japi-Açu.

Mais adiante, na narrativa do capuchinho, o intérprete Migan discutindo com o ancião Momboré-uçu, de mais de 180 anos (!), mencionou ainda aqueles mesmos profetas, comparando-os aos padres capuchinhos: "(...) andam sempre descalços como o faziam os verdadeiros Paí e os grande profetas que, com a permissão de Deus, deixaram os sinais de seus pés nus nos rochedos próximos de Pottiu, por onde andaram, como tu e os teus pudestes ver, e eu também; e assim deram uma prova do poder e da assistência que lhes vinham do Grande Tupã<sup>3</sup>".

O mestre Câmara Cascudo nos transmitiu a tradição oral natalense, segundo a qual teria existido no quintal de uma antiga casa, onde hoje funciona o Colégio Salesiano, na Ribeira, uma cacimba chamada pelo povo de Cacimba de São Tomé, em cuja volta existiu uma pedra, na qual via-se moldada em baixo relevo, a figura de um pé humano, o pé de *Sumé*...

Examinando-se a velha documentação do Senado da Câmara do Natal, constata-se a presença da Cacimba de São Tomé, a partir do ano de 1765. Ficava a mesma localizada em um ponto próximo à "estrada que desce da Cidade para a Ribeira", o que vem confirmar aquela situação geográfica apontada por Cascudo.

Olavo de Medeiros Filho

1. LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*, p. 218;
2. ABBEVILLE, Claude d'. *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e Terras Circunvizinhas*, p. 61;
3. *Ib.*, *ibid.*, p. 118.

# SALESIANOS

## COLÉGIO SALESIANO SÃO JOSÉ NATAL - RN

Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - Natal/RN - CEP 59012-530  
Fone: (84) 211-4220 - Fax: (84) 222-35

## As vaidades de Carlinhos presumido

A vida sem as vaidades seria puro tédio. A não ser que o indivíduo enverede por algum desses caminhos alternativos, envolva-se com filosofias exóticas, e saia por aí pregando tolices e excentricidades. De outra forma, a maioria dos humanos, incluindo-se os loucos, os néscios e, principalmente, os simplórios de toda ordem, possui lá nas suas intimidades, as suas respectivas fantasias. Não são muitos os que, isolando-se nas alturas geladas do Tibet, buscam a sublimação dos desejos e passam a levar uma vida voltada unicamente para a meditação. Saber o que pensam e se essas reflexões têm alguma utilidade para o resto da humanidade, nós outros não temos condições de avaliar. Outros, em contrapartida, e esses não são poucos, abusam da faculdade de fantasiar, extrapolam os limites da intimidade e saem trombetando aos quatro ventos seus méritos e qualidades. Aí então é um desfiar de origem nobre, feitos heróicos, riqueza de berço e outros que tais a não ter mais fim.

Carlinhos, o presumido, era uma figura que possuía lá suas fantasias e delas, percebia-se sem muito esforço, não abria mão. O seu nome de batismo era Carlos Olavo e só. Se, ao preencher dados para algum cadastro bancário (e como o apertado Carlinhos recorria a bancos) ou coisa que o valha, o funcionário insistisse: Carlos Olavo de que? Nosso personagem, mostrando uma saliente ponta de indignação, falava que era só Carlos Olavo, porém se quisesse acrescentar da Silva, ficaria por conta e risco de quem o fizesse.

Com toda essa pobreza de nome familiar, dizia-se, por conta do Olavo, aparentado com a casa real da Suécia, e com isso ia curtindo sua fantasia de possuir um berço nobre. Porém deixemos os reis suecos livres das importunações do nosso Carlinhos, pois que devem já ter por lá os seus friorentos chatos e



fiqueemos por aqui com os achaques tropicais do nosso herói. Seus ancestrais, todos ilustres, segundo suas afirmações, nem de longe tiveram currículo que corroborassem as pretensões do empafiado descendente. O avô fora funcionário da Rede Ferroviária e o pai marcou ponto no Departamento de Fomento. O próprio Carlinhos, não negando a raça, fora aquinhoado com razoável emprego público. Entretanto, nos seus momentos de delírio, sobretudo em meio a libações alcoólicas, ocasiões mais que oportunas para o desfraldar de algumas bandeiras, o homem, notadamente se alguém lhe atingisse um ponto fraco (e como tinha ponto fraco a figura) apelava para a riqueza da família, que era nisso o que dava se misturar com a plebe e, após um bom bocado de imprecações, recolhia-se a um canto amuado, como a destilar boa dose de recalques.

E bem verdade que de sua irmandade alguns foram bem aquinhoados em matéria de casamentos. E era nessa parentela

por afinidade que o curioso mancebo lastreava seu invejável patrimônio. Com essa lógica buscava, a todo custo, aparentar vida de bacana. Nisso residia a causa de todos os seus infortúnios. Em decorrência, se pode avaliar o pandemônio causado junto aos cunhados e companhia.

Um belo dia, esgotada a paciência dos familiares, resolveu-se, através de uma reunião do martirizado clã, se dar um basta na situação. Convocado, Carlinhos ouviu em alto e bom som que, a família cotizada, iria sanear sua atribulada vida financeira, porém, como contrapartida, teria ele que aceitar ser transferido para o interior. Iria para o alto oeste, local onde não se engana impunemente. A reação primeira do

homem foi de estrilamentos e improperios contra uma família desumana, que não o tinha em qualquer consideração, atribuindo-lhe o papel de ovelha negra e coisa e tal. Contudo, só em cair na real que aquilo, além de desafogá-lo da enxurrada de cobradores em seu encaço, lhe proporcionaria ainda um troco para as despesas de acomodação no novo domicílio, sendo essa a parte que realmente lhe interessava, pois que com cobradores a muito já se acostumara, o nobre Carlinhos pouco mais contemporizou e tratou logo de arrumar as coisas, no provisionamento da mudança.

Genial foi a justificativa que arranjou para explicar aos amigos e colegas o motivo da repentina remoção. Quando indagado acerca do fato, presumidamente desfiava: - Perseguição policial! Meramente perseguição política! E nisso que dá o sujeito pertencer a uma família de destaque. Asseverava e saía presunçoso, sem esconder uma certa superioridade.

## O Roseiral de Palmyra

Como a “Pitangueira” flora no final de Agosto, e já “antes que de setembro finde a auro-ra, enrubece a pitanga, está madura”, logo no início do oitavo mês do ano, como que para florir Natal, a cidade dos Reis Magos, nasceu Palmyra Wanderley, no sexto dia, em 1894. Filha de Celestino Carlos Wanderley e Anna Guimarães Wanderley, publicou escritos em jornais e revistas do Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Fortaleza, em alguns sob os pseudônimos de Mirthô, Li Lá, Masako e Ângela Marialva. Destacando-se nos mais variados campos da cultura, proferiu conferências como “O Congresso por dentro”, em benefício, na inauguração da Casa de Proteção às moças solteiras pobres, realizada em 30 de novembro de 1919 e publicada em Hora Literária, no mesmo ano e, em fac-símile, na Coleção Mossoroense, 1997, e a “Conferência” realizada no Salão de Honra do Palácio do Governo, em março de 1921, por ocasião da festa lítero-musical promovida pela Aliança Feminina e publicada em benefício da “Casa de Proteção às moças solteiras”. Com Carolina Wanderley, sua prima, criou a revista “Via Láctea”, saindo o primeiro número em Outubro de 1914 e o último em junho de 1915. O poema “Angélica”, oferecido a Carolina, foi publicado no terceiro número da Via Láctea, e “A Emancipação da Mulher”, sob o pseudônimo de Ângela

Marialva, no quinto. No poema “O Tocador de Sinos”, Palmyra, como se estivesse a tocar os sinos, escreveu: “E aos sinos contando amargamente / Toda tristeza que seu peito invade, / Os sinos dobram milagrosamente, / - E o tocador finou-se de saudade”. E continuou a escrever na “Via Láctea” poemas assinados com



o próprio nome e os artigos, como “A uma noiva”, “Ao correr da pena”, sob pseudônimo. Publicou os livros de poemas “Esmeraldas”, com versos escritos entre 1916-1918, em 1918; Roseira Brava, 1929 e, em 2ª edição, acrescido de “outros

versos”, em 1965. O livro “Roseira Brava”, com leitura na Academia Pernambucana de Letras, conquistou a “Menção Honrosa de Poesia”, do Prêmio “Academia Brasileira”, da Academia Brasileira de Letras, em 1930. Ainda escreveu peças teatrais, crônicas, contos e críticas. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras, ocupante da cadeira criada em homenagem à Auta de Souza, a poetisa do Horto, é Palmyra Wanderley considerada um dos maiores expoentes femininos da Literatura Potiguar ou “o maior poeta feminino do Nordeste”, na expressão de Tristão de Atayde. A poesia de Palmyra, representando em grande parte a beleza lírica da Cidade do Natal, reveste-se de aspectos panteístas, telúricos, místicos; abraçando-se com a natureza, perfuma-se no roseiral da sua “Roseira Brava”, em “Rosas de Sol e Espuma”, em “Rosas Tropicais”, em “Rosas de Sombra e Neblina”, em “Rosas de todo ano”, em “Rosas do teu rosal”, nos “Madrigais” e em “Outros Versos” e “Trovas”. Continua Palmyra viva, “erguida em meio do caminho...” da nossa Literatura, “tão constante no amor, tão luminosa”, como a “Palmeira” que se não sonhou na vida, deixou para a nossa cultura “uma porção de cravos cor de rosa”.

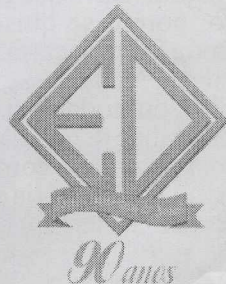
Natal, 06 de agosto de 2004.

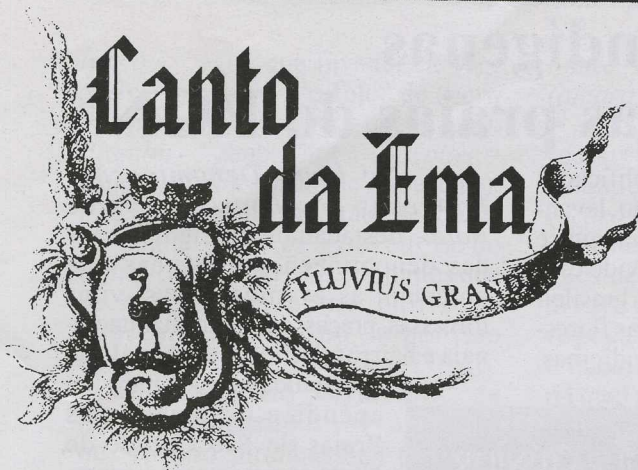
*Francisco Fernandes Marinho*

**Valorizar a mulher.  
Nossa grande marca**

[www.escoladomestica.com.br](http://www.escoladomestica.com.br)

Av. Hermes da Fonseca, 789 - Tirol - CEP 59015-001 - Tel. 215-2900





## Pé de Manacá

Florou de manhãzinha, num domingo.  
Nada sei do romance desse amor.  
Branco e roxo buquê, que Deus fizera.  
Sonho que chega quando não se espera.  
Plantado, há tempo, sem dar flor.

O seu cheiro gostoso, diferente,  
Em tudo se agarrava, no momento;  
Na asa do dia claro,  
No lenço branco do vento.

E junto de mim ficava,  
E aos meus sentidos se deu.  
A terra, em volta, cheirava,  
Baforando o cheiro seu.

Nunca mais me largou, numa aliança  
De sentimentos, de imaginação.  
Impregnou-se no meu pensamento,  
Ficou cheirando no meu coração.

Hoje, onde estou, sua presença está...  
Na minha alma nasceu um pé de flor,  
Parecido com um pé de Manacá.

*Palmyra Wanderley*

## Poema do Absurdo


Tava bebendo cachaça,  
c'um pastor paraibano.  
Ele enrolou um cigano,  
numa troca de animá.  
No açude de boqueirão,  
méiguiêi fazendo farra,  
saí na boca da barra,  
lá na Redinha, em Natá.

Gostando da experiência,  
ali méiguiêi de novo.  
Saí no Parque do Povo,  
numa rede de máia fina.  
Vestido só c'uma tanga,  
encontrei um jaboti,  
que vinha do Cariri,  
p'ros cabaré das Bunina.

Dali mermo, de Campina,  
peguei um trem p'ro Japão.  
Num jumento garanhão,  
lá cheguei, pasmem vocês.  
Me encontrei com Zé Limeira,  
seu parêia, Orlando Tejo,  
e uma quenga lá do brejo,  
na zona dos japonês.

A farra foi de lascar;  
japonesa sem vestido,  
no forró de chão batido,  
eu de cueca e gibão.  
Fiz forró de pé de serra,  
em riba d'uma catatumba,  
sanfona, melê e zabumba,  
na Capital do Japão...

*Bob Motta*



**COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO**  
**102 ANOS NAS MARCAS**  
**DA EDUCAÇÃO DOROTÉIA**  
**NA CIDADE DO NATAL**

Av. Deodoro, 540, Centro Natal/RN Cep.: 59 025 600  
Site: [www.cic-doroteias.com.br](http://www.cic-doroteias.com.br) e-mail: [imaculada@cic-doroteias.com.br](mailto:imaculada@cic-doroteias.com.br)

## Denominações indígenas da Cidade do Natal e das praias do RGN

A firma a Enciclopédia Barsa que no Rio Grande do Norte, eram numerosíssimos na região os silvícolas das raças tupi (*os potiguares*) e cariri (*paiaçus, paiins, monxorós, pegas, caborés, icozinhos, panatis, ariús, janduis*). Entretanto, informa ainda que o apresamento, a miscigenação, as doenças importadas e o extermínio à mão armada os dizimaram rapidamente. Um censo de 1844 registrou pouco mais de seis mil indivíduos. Os dados do IBGE no final do século passado, mostram-nos uma estimativa otimista, registrando uma população de 300 mil indivíduos descendentes dos nativos em todo o território nacional.

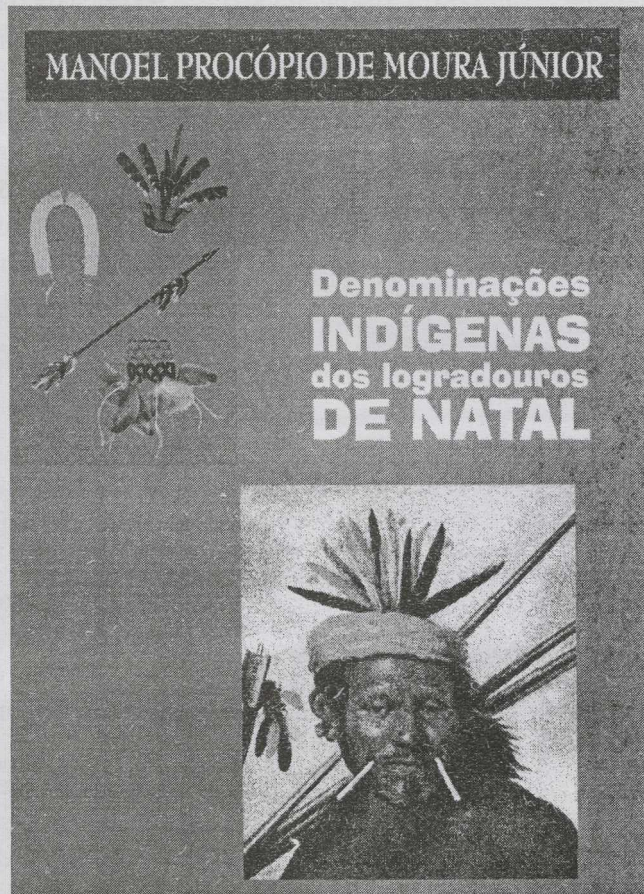
De acordo com o tupinólogo Orlando Bordoni, a grande penetração realizada pelos índios que povoaram as Américas, aconteceu através do estreito de Bhering, ultrapassando o estreito do Panamá, chegando ao Brasil. O idioma Tupi, guarda em seu vocabulário palavras da família lingüística indo-européia, além das línguas semítica, malaio-polinésia e sino-tibetano, comprovando esta migração para a América a 15.000 anos A.C..

Os livros “*Dicionário - A língua tupi na geografia do Brasil*” de Orlando Bordoni, e, “*Tupi língua asiática*”, de Luiz Caldas Tibiriçá, tratam do relacionamento do Tupi com línguas do velho mundo, dando-nos a convicção desta grande viagem dos homens que povoaram as Américas. De uma vasta quantidade de palavras, daremos apenas alguns exemplos como prova dessa teoria:

Em Grego e Tupi: *Koré* significa filho; *Mani-Koré*, Neto. Em Japonês e Tupi: *Aino* significa barbado, com pêlo; *Saikió*, lugar no oeste. Em Malaio e Tupi: *Ké*, significa machado; *Ngoi*, afluente; *Cuá*, cinta, foz; *Burú*, ponta; *Iraudy*, mel fino. Em Árabe e Tupi: *Nadigibe*, significa galante; *Indiê*, pronome; *Perim*, passo. Em Chinês e Tupi: *Pé*, significa Caminho; *Nan*, Sul; *Tong*, Leste; *Gobi*, Deserto, *Bambu*, com a casca. Em Sumeriano e Tupi: *Ara* significa Tomar, colher; *Arara*, Aurora, o nascer do dia; *Cá*, Quebrar.

Estas palavras e muitas

outras que não foram exemplificadas embasam a possível migração, levando-nos a admitir que seria quase impossível se não tivesse havido essa penetração, que os indígenas brasileiros, habitantes do coração das florestas, empregassem em seus idiomas,



palavras com a mesma fonética e o mesmo significado dos idiomas supra mencionados. Daí a importância da língua indígena, que nos dá uma prova do surgimento do homem americano e da sua descendência indo-europeu.

Atualmente utilizamos os termos indígenas sem nos preocupar com os seus significados, enquanto nossas cidades estão turgenciadas dessas designações, muitas já incorporadas ao nosso idioma oficial. Entretanto, quando a inteligência infantil, nos cobra os significados, das nossas praias ou de nossos bairros, é que despertamos para o nosso desconhecimento com relação aos nossos topônimos indígenas.

Os fatores determinantes da preservação do idioma nativo está na população indígena remanescente, nos etinólogos que estudam a história dos povos indígenas e sem dúvida, nas toponímias dos acidentes geográficos e dos logradouros de todo o Brasil.

No Livro *Denominações Indígenas dos Logradouros de Natal*, destacamos os significados das denominações indígenas que nomeiam as avenidas, ruas, vilas travessas, praças, conjuntos habitacionais e bairros da cidade do Natal. Na oportunidade colocamos um apêndice destacando as Praias do Rio Grande do Norte com nomes indígenas, o que fazemos agora quantificando ainda todas as ocorrências de nomes indígenas, existentes nos bairros de Natal, apresentando, além disso, os significados dos conjuntos com características de bairros da nossa cidade.

A cidade dos Reis Magos, conta hoje com 36 bairros, muitos deles ostentando esses termos brasileiros e guardando dentro dos seus limites, uma quantidade curiosa de ruas que trazem denominações indígenas. Alguns bairros se mostraram pródigos nestes termos, mais acentuadamente da raiz Tupi-Guarani. São os seguintes os bairros aqui destacados pelas quantidades de espaços públicos com estas designações.

O bairro *Potengi* aparece com o surpreendente e expressivo número

de 217 logradouros com denominações indígenas, seguidos dos bairros: *Pitimbu*, com 85; *Neópolis* com 80; *Lagoa Azul* com 79; *Pajuçara*, com 62; *Ponta Negra* com 50; *Cidade da Esperança*, com 38; *Nossa Senhora da Apresentação*, com 31; *Nordeste*, com 26; *Lagoa Nova*, com 24 e, *Igapó*, com 22; Os demais bairros, oscilaram entre zero e 14 logradouros com nomes indígenas.

É de bom alvitre destacar que entre os bairros e conjuntos habitacionais da Cidade do Natal que guardam em seus limites topônimos indígenas, muitos são também nomeados com esses termos brasileiros. Por um dever de obrigação, vamos apontar os seus significados, esclarecendo que os termos entre parênteses se referem aos étimos indígenas. Daí: *Guarapes* - “nos tambores” de (*Guarará* = tambor + *pé* = nos) ou “caminho dos guarás” de (*guarás*, o *guará* + *rape* = forma substantiva de caminho);



*Igapó* - “água que invade” de (*yg- apó*); *Pajuçara* - “o fole” de (*peyu* = sopro, soprar + *çara* = que, o que); *Pitumbu* - “chupar imbu” de (*pi-ter* = chupar + *imbu* = fruto do imbuzeiro); *Potengi* - “rio do camarão” de (*potim* = camarão + *gi* = *gy* = rio) ou “rio do fumo” de (*peíngi*). Os conjuntos que se confundem como bairros e guardando em seu topônimo denominações indígenas são: *Pirangi* - “rio vermelho” de (*piranga* = vermelho + *y* = água, rio) ou “rio das piranhas” de (*pira-y*); *Gramoré* - “água amargosa” de (*guamaré*) ou “rio do guamá (peixe coelho)” de (*guamá-r-y*); *Jiqui* - “aquele em que se entra (é o covão para apanhar peixe)” de (*y-iké-i*); *Panatis* - “O riacho das borboletas” de (*panáty* = *pana* - *ty*); *Serrambi* - “próprio de orelha” (é a concha branca, que os índios faziam ornamentos, brincos), de (*cer-namby*).

Quanto às praias, existem no Rio Grande do Norte 30 com denominações tupi, cujos significados são quase totalmente desconhecidos de nós potiguares (comedores de camarão). Dentre estas trintas, existem duas que repetem a designação nativa. *Pirangi* (Pirangi do Norte e Pirangi do Sul) e *Tibau*, (Tibau e Tibau do Sul). Quanto as demais, resolvemos listar por ordem alfabética, informando os seus significados e seus étimos. Por ser assim esclarecemos: *Caiçara* significa “cercado de estaca e ramagem; o tapume; a paliçada”, de (*caá* = mato, folhagem, + *içara* = *yçara* = haste, esteio, pau a pique); ou “o que incendeia, o que se queima ou arde, o calcinado, o incendiário” de (*caí* = queimado, calcinado + *çara* = partícula pospositiva). - *Cajueiro, Do* - “árvore frutífera da família das Anacardiáceas, originalmente brasileira”. Hibridismo de (*aka'iu* = caju, + o sufixo português *eiro*). O seu fruto, o *caju* significa “o pomo amarelo de chifre”, de (*(a)ca* = chifre + *ajú* = *ayú* = o pomo amarelo). - *Camapum* - “o seio erguido, crescido, formando mamilos”, de (*camambu*); ou “estalo do peito”, de (*cama* = peito de mulher + *pú* = estalo). Esta tradução explica-se em razão do fruto, quando verde, com a armação da casca, tem o feitio do peito da mulher, e estala ao bater-se sobre algum objeto. - *Camurupim* significa “ter a cabeça dura, rija”, de (*acamoropim*). - *Caráibas* - “fruto de casca amarga”, de (*carú-mbá*) ou “fruto de casca negra” de (*caráú-mbá*) ou “a árvore cascuda, o tronco áspero, a

haste espinhosa”, de (*cará* = (*a*)*cará* = cascudo, escamoso + *ubá* = *yba* = árvore) ou ainda, “forte, resistente”, de (*cará-iba*) e finalmente, “o acará dourado” de (*acará* = o peixe + *yuba* = dourado). - *Carnaubinha* - Diminutivo português de *Carnaúba* que significa “a árvore caraná, escamosa, áspera, rugosa”, de (*caraná-iba*) ou de (*carnayba*), nome de uma palmeira da qual se extrai a cera dita de carnaúba. - *Cunhaú, Barra Do* - “mulher preta, negra, africana”, de (*cunha-u* por *cunha-uma*) ou “rio da mulher”, de (*cunhã* = mulher + *u* por *y* = rio) e finalmente “rio do feijão bravo”, de (*cunhã* = feijão bravo + *u* por *y* = rio). - *Genipabu* - “comer jenipapo”, “onde se come jenipapo”, de (*jenipab-u*) ou “água do jenipapo”, de (*genipapo* (mudado o *p* em *b*) = fruta + *ú* (abreviatura de *hu*) = água). - *Graçandu* - Segundo Emmanoel Cândido do Amaral, Professor de tupi antigo, Graçandu não é palavra indígena. Entretanto podemos fazer uma analogia, partindo do pressuposto de que Graçandu seja um hibridismo originário dos seguintes étimos (*Graça* corruptela portuguesa do verbo Grassar = desenvolver-se; alastrar-se, propagar-se + *andu* = um tipo de feijão), então Graçandu significaria “onde se propaga ou se desenvolve o feijão andu”. - *Guaraira* - “filhotes de Guarai” de (*guarai*... espécie de peixe + *ira*... que é o diminutivo para animais). - *Jacumã* - “leme, o timão”, de (*já-cumam* = *ya-cumã*) ou “o monte dos jacus”, de (*jacu* = *yacu* = a ave jacu + *mã* = monte). - *Mangue, Porto Do* - “brejo de água salgada” (à borda do mar) de (*picum* = *ape'kü*). - *Maracajaú* - “o rio ou a bebida dos maracajas”, de (*marakaiá* + *u*) ou ainda “o que grita como maracá” de (*maracá* + *já* ou *yá* = um dos tempos do verbo *aé* = dizer, falar). - *Maxaranguape, Da Barra de* - “enseada dos massarás” (armadilha de peixes), de (*massará* + *guá*). Sendo corruptela de (*moçarãguápe*), significa: “no vale de escorregar”, de (*moçarã* = escorregar, deslizar, desprender, soltar + *guá* = vale, baixada, seio + *pe* = é a preposição em, que). - *Mirim, Porto* - “Pequeno”. - *Pernambuquinho*, Diminutivo português da palavra *Pernambuco* que significa “o furo do alagamar”; “o canal do arrecife” de (*paraná* = lagamar, rio semelhante ao mar + *buço* = (*m*)*buca* = furo, buraco, brecha). - *Perobas* - “a casca amarga” de (*ipê* = árvore de tronco revestido de casca grossa +

*roba* = amargo). - *Pirangi* - (do Sul e do Norte) “no rio das piranhas”, de (*pirã-gi-pe*) ou “rio vermelho”, de (*piranga* = vermelho + *y* = rio). - *Pitangui* - “o rio das pitangas”, de (*pitang-y*) ou “rio vermelho”, de (*pitam-gi*). - *Pititinga* - “a pele muito alva ou prateada”, de (*py-ti-tinga*). É uma espécie de sardinha. - *Pium* - “o que come a pele”, de (*pi'ü*). - *Punaú, De* - “rio das borboletas” de (*puná-u*). - *Sagi, Do* - “rio dos uças (caranguejos)”, de (*uçá-gi*). - *Sibaúma* - é uma corruptela de *sibaúna*, que significa “a concha preta; molusco de água doce”, de (*tambá-una*) ou “árvore de corda” de (*camaíba*) ou “a testa ou fronte negra”, de (*sibá* = *cybá* = testa, fronte + *una* = negro). - *Tabatinga, Da Barra de* - “o barro branco ou argila branca”, de (*taba* = *tauá* = barro, argila + *tinga* = *tynga* = branco) ou “aldeia branca”, de (*iaba* = aldeia + *tinga* = branca). - *Tibau, (Tibau do Sul)* - “no meio da água (ilha fluvial)”, de (*ty* = água, rio + *bau* = no meio de) ou “entre águas ou entre rios”, de (*ty-paú*). - *Upanema* - “lagoa fétida”, de (*upa* (*ypaba*) = lagoa + *nema* = fedor, fedida, fedorenta) ou “lagoa ruim, sem peixes”, de (*ypa(ba)* = lagoa + *nema* = ruim).

As traduções aqui contidas, a exceção da Praia de Graçandu, foram compiladas de vários pesquisadores que as estudaram a partir da variação das representações gráficas dos seus étimos, entre tantos destacamos: Orlando Bordoni, Oberdam Masucci, Theodoro Sampaio, Francisco da Silveira Bueno, J. Romão da Silva, Paulino Nogueira, Luiz Caldas Tibiriçá, além dos norterrio-grandenses, Luís da Câmara Cascudo, Olavo de Medeiros Filho e José Narcélio Marques Sousa.

Esperamos que este texto sirva para o melhor entendimento dos significados indígenas dos topônimos que nomeiam os bairros e conjuntos da cidade do Natal e as praias do Rio Grande do Norte, cujas citações fazemos ao acaso, sem nos dar conta da sua real correspondência em nosso idioma oficial, nem da sua inegável importância para a história do homem americano e para a cultura da terra de Câmara Cascudo.

## Nossa Literatura e o Cinema



**B**revemente, talvez, o cinema brasileiro conte com um filme, que será feito baseado no romance “As Pelejas de Ojuara”, do caicoense Nei Leandro de Castro; o mesmo autor cuja obra já fora utilizada, quando jovens do Cine-Clube Tirol filmaram nos anos 60, em curta-metragem de 8mm., seu poema-livro “Romance da Cidade do Natal”.

O fato pode levar à seguinte reflexão: na História das Artes, a Literatura veio antes do Cinema. No Rio Grande do Norte, também, a Literatura veio antes do Cinema (primeiro livro de literatura publicado no Estado: “Iriações”, de Henrique Castriciano, em 1892; primeira mostragem de cinema: na Ribeira, em Natal, em 1898).

Mas, lá ou cá, o Cinema, ao começar a obter seu lugar no contexto da produção artística e/ou comunicacional, inseminou novos temas, servindo para serem escritos contos, poemas, ensaios, crônicas, romances e peças de teatro inspiradas na 7ª Arte. Dentre os escritores norte-riograndenses, vez por outra algum fala, nas suas obras, de cinema ou dos personagens que o produzem ou vivenciam. Se não falam de cinema, especificamente, não fogem a dar o toque referencial, dedicando poemas aos cineastas preferidos (como é o caso de Miguel Cirilo, oferecendo a Frederico Felini seu poema “O Mito”).

E tem também o caso dos poetas visuais, que não deixam de se aparentarem com o cinema, já que trabalham com os mesmos signos expressivos: a representação formal de objetos temáticos. E um dos representantes desta poesia visual, em Natal, Falves Silva, já declarou em entrevistas que sua educação foi cinematográfica, sua sala de aula foi as salinhas escuras dos cinemas.

Um dos autores que, embora não norte-riograndense de nascimento, mas cuja literatura é toda dentro do nosso contexto literário, é também um dos mais cine-entusiasmados. É Francisco Sobreira. Seu primeiro livro, uma reunião de contos publicada em 1972, já tinha no título uma referência cinematográfica: “A Morte Trágica de Alain Delon”, onde o primeiro conto tinha como personagem central uma atriz cinematográfica. Depois, nos livros sucessivos que publicou, a 7ª Arte é presença constante.

Mas a bibliografia norte-riograndense conta principalmente com ensaios em livros, voltados para registrar ou a nossa própria história cinematográfica, ou a memória nostálgica ou crítica do que foi visto nos nossos cinemas. Em 1957, Jorge Ribeiro Dantas, o Jorge Palito bilheteiro de cinema, publicou o livrinho “O Royal e Sua História”, não somente a História do velho cinema da Ulisses Caldas



# EXPRESS

**3 meses de exercícios - Início: Setembro**

**Princesa Isabel, Centro**

**Informações: 201.3816**

**Vem aí,  
Revisões por Área**

do **CDF**

**Início:  
03 de novembro**

**Garanta sua vaga!**

**Informações: 211.6607**

mas a dos costumes de toda uma época passada, em Natal.

Em 1961, um dos livros da coleção “Henrique Castriciano”, publicada pela Imprensa Oficial, foi “Jazz, Cinema e Educação”, do professor Alvarmar Furtado de Mendonça, dedicando uma das partes do livro ao Cinema. E em 1982, Laércio Marinho de Figueiredo, publicou pela coleção “Textos Acadêmicos”, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, seu livro “História da Arte das Imagens” – é claro que o termo “imagens” aí querendo dizer cinema.

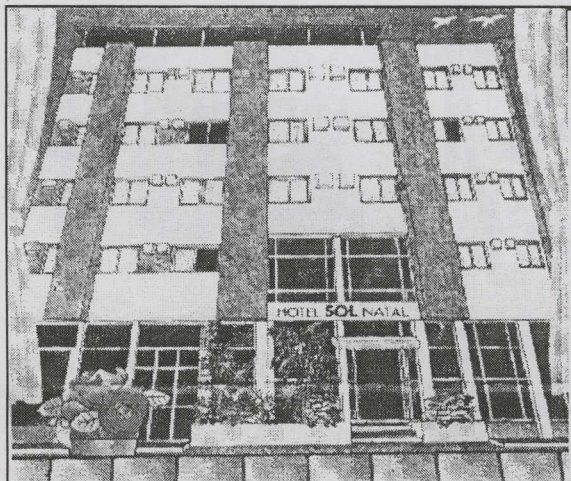
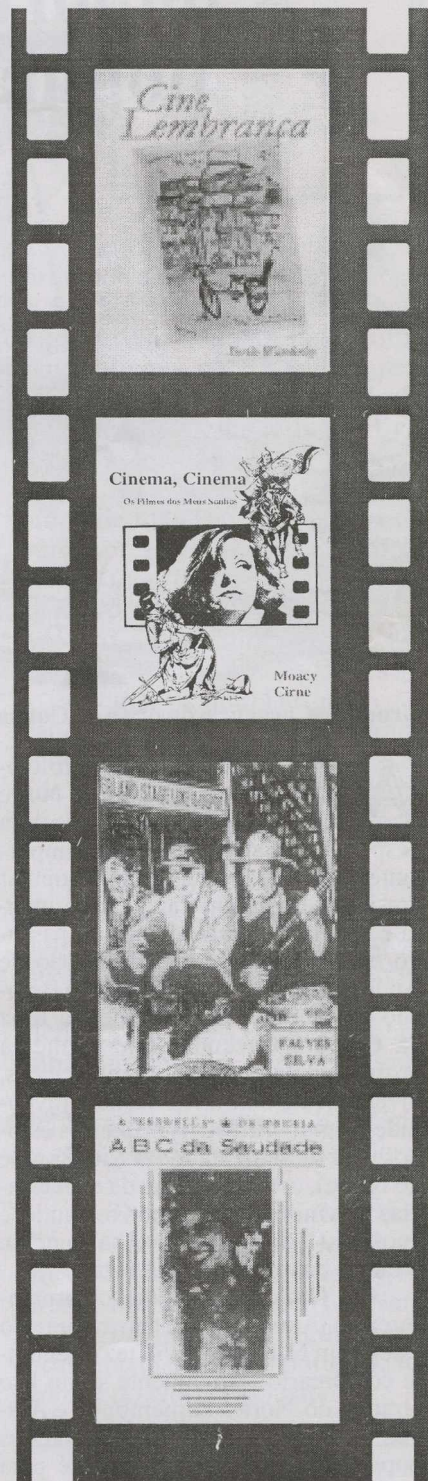
Em 1992, publiquei o meu “Écran Natalense – Capítulos da História do Cinema em Natal”, que inaugurou as edições da nova editora Sebo Vermelho com a coleção “João Nicodemus de Lima”. No ano anterior, Francisco Sales Santos Bezerra publicara em Mossoró (edição ESAM) o ensaio “Notícia Sobre o Cinema em Mossoró”.

Já no novo século, dois livros cinemáticos, publicados ambos também pela Editora Sebo Vermelho, marcaram a nossa literatura: “Cinema, Cinema (os Filmes dos Meus Sonhos)”, de Moacy Cirne, em 2003 refazendo “Amorosamente o seu trajeto de espectador, entre o Pax de Caicó (nos anos 50) e o Paissandu, do Rio (a partir de 1967)”; e “Cine Lembrança”, obra póstuma, publicada neste ano de 2004, onde a viúva do cronista e crítico cinematográfico Berilo Wanderley, Maria Emília, reuniu

algumas das melhores páginas cinematográficas que Berilo publicara em jornais natalenses.

E é isso aí. Também no Rio Grande do Norte, o cinema influencia e motiva: seja Cláudio Galvão, relembrando as matinês do Cinema Rex em crônica publicada no livro / antologia “Cantões, Cocadas”, organizado por Eduardo Alexandre (Edições Galeria do Povo, 2002); seja Bené Chaves, fazendo o personagem narrador do romance “A Mágica Ilusão” (Edição do Autor, 2001) mencionar as manias paralelas ao cinema, pois se apreciava os filmes em seriados, também trocava “figurinhas que colecionava num bonito álbum comprado com as reservas economizadas”; seja a presença de títulos de livros inspirados em elementos cinematográficos (como o que, publicado em 1995 pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, reuniu alguns poemas de Othoniel Menezes sob o título conjunto “A Cidade Perdida, Desenho Animado”); seja título de peça de teatro de autor nosso também inspirado em elemento cinematográfico (“Tempos Modernos”, de Sandoval Wanderley, datada de 1941, cinco anos após o filme de Chaplin de igual título); seja o poeta popular ilustrando a capa de um folheto com foto de artista cinematográfica (como fez o goianinhense Luiz da Costa Pinheiro no seu folheto “ABC da Saúde”).

*Anchieta Fernandes*



## HOTEL SOL NATAL

- ★ Localização central e a poucos minutos das praias.
- ★ Andar para não fumantes.
- ★ 54 aptos. Panorâmicos com ar condicionado, TV, frigobar e outras comodidades.
- ★ Café da manhã regional.
- ★ Salão na cobertura com vista para o rio potengi e dunas do litoral.
- ★ Aceitamos cartões de crédito.

• 40 REAIS POR PESSOA  
• APARTAMENTOS PARA RESIDENTES

Rua Heitor Carrilho, 107 - Centro - Pabx: (84) 211-1154  
TLX: (84.2464) - FAX: (84) 221-1157 - Natal-Brasil

## A importância das manifestações populares folclóricas do RN



Foto: Deifilo Gurgel

Grupo de Chegança, da praia de Cunhaú, apresentando-se em janeiro de 1986

**A**s manifestações populares folclóricas do Rio Grande do Norte já despertaram e continuam despertando a atenção dos mais importantes pesquisadores da cultura popular brasileira. Basta lembrar que na primeira e segunda metade do século passado estudiosos do nível de Mário de Andrade, Ascenso Ferreira, Théo Brandão, porque não dizer o mestre Luiz da Câmara Cascudo, que conhecia profundamente nossas manifestações, vivenciava e admirava desde a juventude quando iniciou os primeiros estudos. Fez de seu Estado (O Rio Grande do Norte), um laboratório de experiências ouvindo o povo, conversando e anotando tudo o que provinha do povo, o que o povo guardava e fazia.

O já citado estudioso Pernambucano Ascenso Ferreira quando esteve em Natal, em 1954 fez o seguinte comentário: "Atualmente só no Rio Grande do Norte, Pernambuco e Alagoas, há pureza das manifestações populares, o que vi em Natal é para encher os olhos e reativar a memória,

tudo isto deve ser preservado, valorizado e exibido em qualquer palco do mundo". Hoje, muitas cidades brasileiras incorporaram essa dinâmica de valorização da cultura popular, entendendo que salvar e valorizar este rico patrimônio cultural do Brasil é preciso. A pequena cidade de Laranjeiras no estado de Sergipe é atualmente modelo e referência para o Brasil e o mundo, onde a preocupação com a permanência e dinâmica da cultura popular transformam a cidade em capital brasileira do folclore.

O pesquisador Mário de Andrade passou quase dois meses entre Natal e o interior do estado, encantado com nossa riqueza cultural. Em nota de viagem ao nordeste do Brasil o cronista, O Turista Aprendiz, narra suas emoções, rememora os sentimentos do dia, dia, do roteiro de viagem pelo interior e confessa mais uma vez sua paixão por Natal.

A Cultura popular do Rio Grande do Norte, a exemplo do que ocorreu em todo nordeste do Brasil,

resulta de uma superposição cultural. O índio nativo, o colonizador português e o escravo africano. Nesse contexto fundamentam-se os determinantes de nossa cultura popular folclórica.

Toda essa riqueza, tendo como referencial a grande Natal é uma das mais atraentes do Brasil. Quer na poética, (com destaque para os repentistas, romancistas, trovadores e cordelistas), as danças tradicionais, com suas indumentárias, figuras e passos utilizados pelos brincantes que tem atraído a atenção dos mais importantes pesquisadores e multifacetários do Brasil na busca de elementos para enriquecer seus espetáculos.

O mais importante estudioso do folclore potiguar na atualidade, folclorista Deifilo Gurgel, em seu trabalho "Danças Folclóricas do Rio Grande do Norte", faz uma precisa avaliação da riqueza cultural folclórica que temos ainda hoje.

"O Rio Grande do Norte é um estado privilegiado em matéria de danças folclóricas. Primeiro porque o nosso povo sempre dançou e continua dançando, quando pode, com a mesma alegria e autenticidade, as velhas danças tradicionais. Depois, porque essas danças foram estudadas e documentadas por Cascudo e Mário de Andrade, o que lhes confere um certo ar de superioridade e eternidade. Além desses fatores inerentes às nossas manifestações, outro de grande importância pode ser mencionado: o nosso estado é o único no Brasil que ainda mantém vivo os quatro grandes Autos Populares; Boi, Fandango, Chegança e Congos", sem esquecer os autos do pastoril, Lapinha e Caboclinhos.

Severino Vicente

# SINSENAT

Construindo a luta

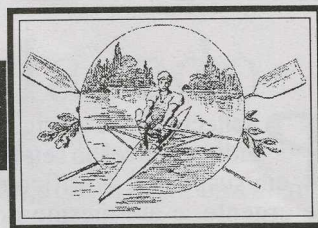
Filiado À  
**CUT**

**Lutas garantem  
Conquistas**

Departamento de Imprensa  
João Napoleão

Rua Gonçalves Ledo, 857 - Centro  
Fones: (84) 211.2297 / 3082.9312  
sinsenat@digicom.br  
www.sinsenatmluta.hpg.com.br

## DESPORTISTAS INOLVIDÁVEIS



### João Machado

Quando alguém se destinar a escrever sobre os esportes potiguares e suas figuras mais marcantes, João Cláudio de Vasconcelos Machado, o nosso sempre saudoso João Machado, terá papel importante.

Nasceu em Natal, em 12/07/1914; concluiu seu curso de Direito na Faculdade Nacional do Rio de Janeiro, onde também residiu; poliglota, estudou na Inglaterra, retornando a natal para colaborar com sua tia, a saudosa d. Amélia Duarte Machado, na administração de seus negócios e aqui cumpriu, talvez os melhores anos de sua vida, dedicando-se também de corpo e alma ao desenvolvimento dos esportes no Rio Grande do Norte.

Quando Presidente da FND – Federação Norterio-grandense de Futebol, João Machado incentivou de todas as maneiras o futebol, o atletismo e o remo, estes dois últimos pelos seus departamentos especializados, com regatas e provas de podestrianismo que tiveram grande projeção no Estado.

Manteve por longo tempo – de 01/01/1967 a 02/02/1976, um programa esportivo na Rádio Cabugi – “Curruchiando”, e uma magnífica colu na na Tribuna do Norte, uma das mais lidas da cidade. Na vida da ACERN – Associação dos Cronistas Esportivos/RN, teve papel importante desde os seus primeiros instantes de fundação, tendo sido um dos seus dirigentes.

Dos seus 62 anos de vida, bem vividos, pelos menos 22, ininterru-

ptos, João Machado dedicou-se aos esportes potiguares. De 02/04/1954, data em que foi eleito pela primeira vez Presidente da Federação, até sua morte, em 20 de fevereiro/1976, foi uma pisada só – os esportes.

João Machado foi eleito e reeleito por várias vezes à frente da



Federação e teve como vice-presidentes os esportistas José Rodrigues de Oliveira e os auxiliares Mussolini Fernandes, Aluizio Menezes de Melo, Ernani Alves Silveira, Humberto Nesi e Salatiel Silva; ainda, como vice-presidente o médico do Exército, Pedro José Selvas; posteriormente, com o jornalista Leonardo Nogueira e, finalmente, com o grande homem do esporte potiguar, Humberto Nesi, de 28/12/71 a 28/12/73.

Mantinha uma afeição muito grande ao tradicional Clube Atlético Potiguar, entidade modesta, que

participou dos campeonatos oficiais de futebol desde 1941, não sendo vencedor em nenhum dos campeonatos oficiais, porém, foi campeão de vários “Torneios Inícios” com o apoio de outro grande desportista, Djalma Maranhão.

João Machado era amigo íntimo de João Havelange, uma das mais expressivas figuras do esporte mundial, com quem muito conseguiu em prol dos esportes potiguares. Por tudo isto, a Prefeitura Municipal de Natal, tornou João Machado, patrono do principal Estádio Desportivo de Natal, que assim, será lembrado, eternamente por todos. Recebeu em vida títulos de Benemérito de inúmeras entidades esportivas do Estado e do país.

João Machado, foi ainda membro do CRD – Conselho Regional de Desportes, no período de 1961/1964, ao lado de Vicente Farache, Luiz G. M. Bezerra, Aluizio Menezes de Melo e José Procópio Filho. Foi também, por muitos anos, presidente e membro do Conselho Deliberativo do Sport Club de Natal, na gestão do desportista José Gurgel Guará.

O grande desportista João Cláudio de Vasconcelos Machado, um símbolo para os esportes do Rio Grande do Norte, faleceu em Natal, a 12/02/76, deixando uma lacuna incalculável para os esportes do Rio Grande do Norte e do país.

Luiz G. M. Bezerra

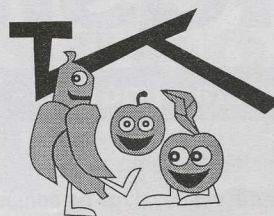


**A.S. LIVROS**

Av. Salgado Filho 2850 - Lj 05  
Lagoa Nova - Natal/RN - Fone:206-9099

Praia Shopping - Loja F5/6  
Natal/RN - Fone:206-9099

### A Ki - Tanda



**A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES**

Av. Antônio Basílio, 2703 - Lagoa Nova - Natal/RN  
Telefrutas / Telefax: (84) 206-5612

# Lenço

**P**acheco viu-se obrigado a viajar, pois em seu armazém faltava mercadoria indispensável ao seu funcionamento e havia, além disso, compromissos outros em suspenso. Notificou aos de casa. Efetuou cuidadoso rol do que precisava de urgente, e até mesmo do supérfluo indispensável, que há alguns dias vinha protelando. Aproveitaria agora e traria tudo.

Aprontou-se, deixou a mulher e o filho tomando conta do estabelecimento, e sereno, na manhãzinha, botou o pé na estrada, direto para Recife. De trem.

Na Mauricéia, hospedou-se num hotel de segunda linha. Não aquele no qual costumava se hospedar, na Rua da Aurora, também de segunda, mas uma segunda mais aprimorada. E onde, desde 1938, se hospedava. E gozava do conhecimento profundo que o dono dispunha no ramo, além de usufruir a convivência de lindas camareiras, da prosa de hóspedes distintos e outros fregueses eventuais.

Este hotel emergencial, o Hotel "Meu Valor", embora do mesmo calibre, lhe era estranho. Porém, como hotéis têm sempre hospedagens semelhantes, não pensou nisso e sim de se desobrigar logo dos deveres que haviam impostos a longa viagem.

Na rua, entre fornecedores, esmiuçou, exigiu, comprou. Apanhou chuva, espirrou e pressentiu que poderia gripar. Serviu-se do lenço. Viu que só trouxera um, mesmo novo. Já sujo de poeira da rua e da viagem, pelo uso necessário de sua parte.

No almoço, falou com a copeira que lhe servia. Se ela poderia, por delicadeza, lhe lavar o lenço. Se pudesse, lhe pagaria por fora. Ela respondeu que podia, sim, podia..

-Pois então me faça esse favor, por obséquio. Vou tirar um soninho e quando acordar, você me entrega ele, limpo e engomado. Tá bom assim?

Estava.

Quando acordou, indo até a sala, deparou-se com a boa copeira. O tempo piorara um pouco, e nublado, atçava-lhe a acelerar os contatos com os fornecedores, para voltar cedo para casa. E deu toda a atenção à mulher.

-Minha amiga! Cadê o lenço? Tá pronto?

-Tá, sim. Espere aí que vou buscar ele pro senhor.

Com bamboleios totalmente desnecessários àquela hora de outros problemas, dirigiu-se à área de serviço. Voltou e lhe entregou o lenço bem limpinho.

Pacheco, com sorriso agradecido, comercialmente falando, perguntou, à guisa de agradecimento, quanto lhe devia, e o quanto teria de lhe pagar pelo serviço.

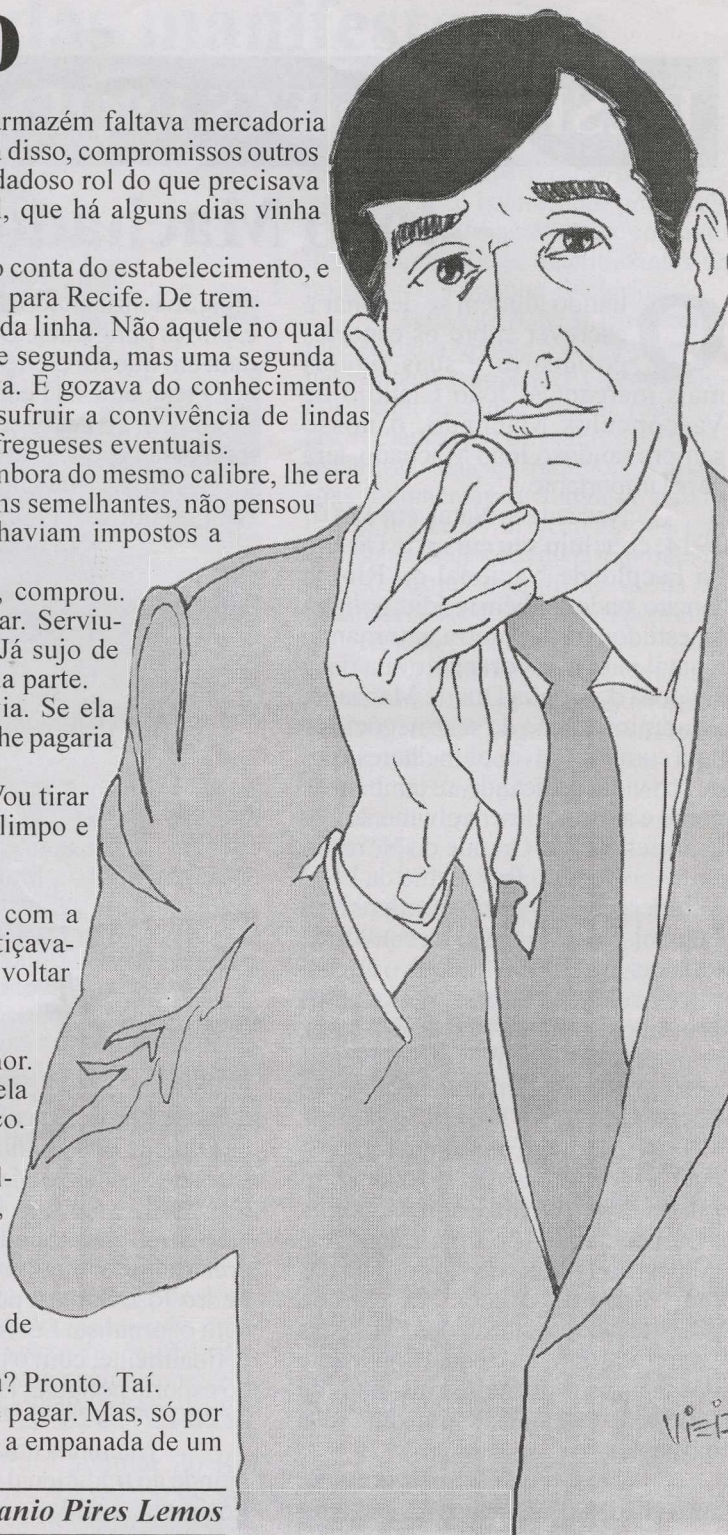
-Dez mil réis.

-Dez? Dez mil réis minha filha, pela lavagem de um lenço?

-Sim. Fiz tudo na carreira. O senhor num pediu? Pronto. Taí.

-Tá. Tá muito bom. Como lhe pedi, vou ter que pagar. Mas, só por curiosidade, me esclareça: por quanto a moça lavaria a empanada de um circo?

Afranio Pires Lemos



## Iglesias

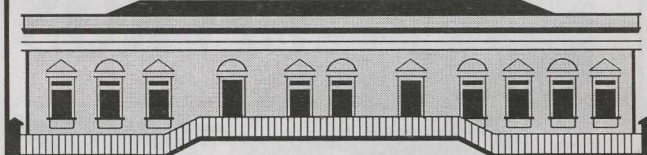
Arquitetura - Imóveis - Turismo

- Projetos, pagamento facilitado
- iglesias compra, vende, aluga ou administra seu imóvel
- Alugue se imóvel no verão com lucro e segurança

Rua Pedro da Fonseca, 8989 - Ponta Negra - Natal/RN  
Fone: 236-3635 - Fax: 219-4000  
e-mail iglesias@eol.com.br:

## 102 anos

A mais antiga  
Instituição Cultural do Estado



1902 \* 2004

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO  
RIO GRANDE DO NORTE

## O livro “Fescenino” de Macedo

**F**rancisco Neves de Macedo, nada mais nada menos, que Macedo da FERA, do PV, do Café São Luis, do Alecrim e outros de(z)caminhos, mas, sobretudo, meu parceiro, nos nossos dois poemas mais bonitos. Lançou recentemente o seu TIRANDO SARRO E GLOSANDO, um livro de glosas, que vai marcar época nesta modalidade poética.

O Macedo, desta vez, coloca sua verve e sua criatividade, a serviço do fescenino, que é na realidade, um tema transversal da literatura humana. E o que danado, vem a ser literatura fescenina? Poderia alguém perguntar. A resposta está no próprio livro, no belíssimo prefácio, do feceníssimo poeta, Celso da Silveira, ou na gloriosa apresentação do eterno magnífico, Diógenes da Cunha Lima.

Quem quiser conferir, é só adquirir o dito cujo, nas nossas livrarias, ao preço simbólico (em relação ao conteúdo), de R\$ 10,00, que é o preço de qualquer pelada vagabunda, envolvendo as comadres ABC e AMÉRICA.

Este tema já consagrou vários nomes da nossa literatura, entre os quais; Mariano Coelho, Luiz

Xavier, Augusto Macedo, Majó, Antonio Souto, os José's, de Sousa e Pedroza, Renato Caldas, Bob Mota, além das duas maiores referências deste gênero que são Moisés Sesiom e o próprio Celso

como ele é “abusado todo” e um inovador, com certeza, será além de titular, um grande artilheiro.

Mas vamos deixar esta conversa afiada pra lá, e correr atrás deste “livronagem”, ou seja; uma mistura de livro com sacanagem, que é definido pelo autor numa trova: “É um livro bem humorado / Não tem nada de indecente / Se ele é puro ou depravado / Quem decide é sua mente. Para depois, resumir em outra trova: “É um livro verde e quadrado / de páginas, exato, noventa / Cheio de Mote Safado / Que a sua tesão aumenta”.

No livro ele glosa, além de 36 motes de sua autoria, 4 que são de amigos seus, que são; Dr. Diógenes, Luiz Xavier e mais dois cearenses, Alberto Porfírio e

François Torres.

Então vamos lá. Beber na fonte Sacano / Sexual, ecologicamente correta, deste mais novo imortal da ATRN – Academia de trovas do Rio Grande do Norte.

Elizibete Pereira



da Silveira. Isto só para escalar “um time”.

Todos estes e vários outros, não citados, por questões de lembrança e de espaço, sonham e/ou sonharam, fazer-se um novo Boca-gé. Este, sim, a maior referência da literatura “sacânica” mundial.

Macedo, chega, pois, tentando uma vaga neste time titular, e

MAIS ANTIGO SEBO DE NATAL EM FUNCIONAMENTO

## Cata livros

DESDE 1970

Compra, venda e troca de livros, discos, Cd's, fitas de vídeos e k7 usados.

Matriz: Rua da Conceição, 617 - Centro  
 Filiais: Rua Gal. Osório c/ Av. Rio Branco - Centro  
 Av. Xavier da Silveira, 67-A - Morro Branco  
 Fones: (84) 9415-9924 / 8809-1028 - Natal/RN


# Sebo Amorim

Rua Ulisses Caldas, 94 - Centro - Natal/RN  
 Fone: (84) 221-3717 / 9973-9423



Praça do antigo mercado público da Cidade Alta, onde existia uma feira muito concorrida. Atualmente abriga o Shopping Popular

  
**GOVERNO DE TODOS**  
 Trabalhando pra valer

  
**FUNDAÇÃO  
 JOSÉ AUGUSTO**

Estão abertas até 15 de dezembro de 2004 as inscrições para o Prêmio de Dramaturgia Revista Preá. Os três melhores trabalhos receberão, respectivamente, R\$ 5 mil, R\$ 3 mil e R\$ 1 mil como premiação e serão publicados em livro editado pela Fundação José Augusto. Os textos deverão enviados para o seguinte endereço: CONCURSO DE DRAMATURGIA, PRÊMIO REVISTA PREÁ - Fundação José Augusto - Rua Apodi, 641, Tirol - CEP: 59.020-120 - Natal/RN.

O julgamento dos trabalhos será de responsabilidade de três instituições de Estados do Nordeste. Além da Fundação José Augusto, também farão parte da comissão julgadora a Fundação Joaquim Nabuco, de Pernambuco, e o Centro Dragão do Mar, do Ceará. O resultado do concurso será divulgado no dia 15 de março de 2005 através da imprensa. Os vencedores voltarão ao TAM no dia 24 de março de 2005 para a entrega dos prêmios e os dois primeiros lugares também receberão menções honrosas. O edital está disponível no site da Fundação José Augusto ([www.fja.rn.gov.br](http://www.fja.rn.gov.br)) Para mais informações, ligar para 84 - 232-5327 / 232-5323.